

## OIÁ E O BÚFALO INTERIOR DE KIUSAM DE OLIVEIRA: promovendo a leitura e letramento literário

### OIÁ AND THE INTERIOR BUFFALO OF KIUSAM DE OLIVEIRA: promoting reading and literacy

Rosiane Cardoso Moratto - UEM<sup>1</sup>  
Margarida da Silveira Corsi - UEM<sup>2</sup>  
Alba K. Topan Feldman - UNESP<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta de leitura e letramento literário a partir do mito “Oia e o búfalo interior” de Kiusam de Oliveira, presente no livro “Omo-Oba: Histórias de Princesas”, ilustrado por Josias Marinho. O trabalho objetiva apresentar uma proposta didático-pedagógica de leitura e letramento literário em sala de aula para o Ensino Fundamental II. Recorreu-se ao mito da literatura africana tendo em vista sua materialidade linguística, literária e cultural. Para tanto, a produção está ancorada nas etapas de leitura de Micheletti (2002), Cosson (2014) e Corsi (2015) e na proposta de Sequência Básica de leitura de Cosson (2014). Espera-se que este texto possa contribuir para a instrumentalização do professor de Língua Portuguesa como mediador da leitura e do letramento literário com base em enunciados pertencentes à literatura africana e afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Leitura; Letramento literário; Literatura afro-brasileira.

#### ABSTRACT

This article presents a proposal for reading and literary literacy from the myth "Oia and the buffalo interior" by Kiusam de Oliveira, present in the book "Omo-Oba: Stories of Princesses", illustrated by Josias Marinho. The paper aims to present a didactic-pedagogical proposal for reading and literary literacy in the classroom for Elementary School II. The myth of African literature was used in view of its linguistic, literary and cultural materiality. For this, the production is anchored in the reading stages of Micheletti (2002), Cosson (2014) and Corsi (2015) and in the proposal of the Basic Sequence of reading of Cosson (2014). It is hoped that this text may contribute to the instrumentalisation of the Portuguese Language teacher as mediator of reading and literary literacy based on statements pertaining to African and Afro-Brazilian literature.

**Keywords:** Reading; Literary literacy; Afro-Brazilian Literature.

DOI: 10.21920/recei7201739411425

<http://dx.doi.org/10.21920/recei7201739411425>

---

<sup>1</sup>Professora da rede estadual de educação pública no Paraná (SEED) em Língua Portuguesa e Educação Especial. Mestranda pela Universidade Estadual de Maringá no curso PROFLETRAS. E-mail: [rosiane.cardoso@hotmail.com](mailto:rosiane.cardoso@hotmail.com)

<sup>2</sup>Professora Associada do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Letras pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (2007). Mestre em Letras pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (2001). E-mail: [margaridacorsi33@hotmail.com](mailto:margaridacorsi33@hotmail.com)

<sup>3</sup>Professora Adjunta do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Letras pela UNESP, de São José do Rio Preto (2010), com complementação na Louisville University (2009), dos Estados Unidos. Mestre em Estudos Literários pela UEM (2006). E-mail: [Profa.alba@gmail.com](mailto:Profa.alba@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A produção de enredos destinados à criança sofreu transformações, pois, historicamente, fora dependente da concepção que se tinha sobre essa faixa etária. Podemos começar pela noção que a sociedade europeia na Idade Média considerava ser criança, que compreendia um tempo estimado de até dois anos de idade. Nesse período, as vestimentas comuns eram camisolões e as crianças das classes privilegiadas eram criadas por amas de leite, conforme corroborado por Bernartt (2009, p. 4227), “as crianças que sobreviviam na Idade Média eram afastadas da família logo após o nascimento, sendo criadas por amas de leite, no caso das famílias ricas ou iniciando no mundo do trabalho muito cedo”.

Movidos pela concepção de “crianças mini-adultos”, os filhos pertencentes à classe alta, após os dois anos de idade, passavam a serem cuidados por preceptores. Um contraste significativo comparado às crianças da classe baixa que, sem recursos, eram obrigadas ao trabalho braçal, muitas em limpeza de chaminés, os “limpa-chaminés”, na Europa gélida, morrendo, conseqüentemente, muito cedo. Segundo Barbosa e Magalhães (2008, p. 03), “a socialização da criança durante a Idade Média não era controlada pela família, e a educação era garantida pela aprendizagem através de tarefas realizadas juntamente com os adultos”.

Baseados por essa perspectiva é possível conceber que a literatura destinada à infância, em sua modalidade escrita, nesse período, não existia, mesmo porque, para a sociedade europeia da época, a fase infantil também era quase que inexistente e, de acordo com Barbosa e Magalhães (2008, p. 03),

[...] os sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, pois os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes.

Foi a partir do século XVII que se compreendeu a formação incipiente da literatura para crianças. Momento em que, na Europa, há o ideal do resgate do herói cavaleiresco com a obra de Dom Quixote, de Cervantes, e as fábulas de La Fontaine, as quais segundo Coelho (1987, p. 65), representam “[...] narrativas primordiais que o tempo transformou em populares e que a Literatura Infantil acabou por incorporar em seu acervo, como obras clássicas do gênero”.

E assim a Literatura Infantil começou a criar corpo e expandir-se, porém “as diferenças que devem ser notadas entre esta nova narrativa e os antigos contos são principalmente a forma narrativa e os valores morais enfatizados” (COELHO, 1987, p. 87). De efabulações maniqueístas elaboradas para distinguir o bem e o mal, ao uso como recurso pedagógico muito comum no século XVIII, oscilando entre o estético e o doutrinário, a literatura destinada às crianças passou por inúmeras transformações.

No Brasil, o percurso da literatura infantil começou por histórias e músicas marcadamente folclóricas. Também houve muitas adaptações de obras estrangeiras, inicialmente motivadas pelo cunho pedagógico. Para Zappone (2013, p. 39), estas características iniciais acabaram “[...] evidenciando uma das marcas mais contundentes do início da literatura infantil no Brasil: seu compromisso pedagógico e didático. Ela deveria instruir antes de divertir”.

Em terras brasileiras, o divisor significativo na literatura infantil ocorreu pelas produções de Monteiro Lobato com sua publicação, em 1921, de Narizinho Arrebitado pois,

[...] Lobato propõe em suas obras crianças autônomas, criativas, investidas de verossimilhança, já que muito parecidas com as crianças reais que se zangam, se cansam, fantasiam e até brigam. São, portanto, muito diferentes das crianças representadas nas obras dos autores do período anterior, caracterizadas por seu caráter modelar (ZAPPONE, 2013, p. 44).

No limiar entre ensinar ou libertar, a literatura infantil no Brasil caminhou em avanços e retrocessos significativos. Historicamente, os escritos destinados às crianças, adolescentes e jovens tiveram percursos que demonstravam o quanto estavam intrinsecamente ligados à política ideológica vigente, tendo crescimento e amadurecimento a partir de 1960. Segundo Zappone (2013, p. 50), é nesse período que

[...] o livro interessa não apenas por seu conteúdo, mas pela sua materialidade (capas, tipo de papel, ilustrações, tamanho, diagramações etc). Não só o autor é responsável pela autoria, mas também o ilustrador, o diagramador, o editor, o agente literário e outros.

E pelo viés da emancipação, da busca pela equidade e da multiplicidade decorreram as produções infantis até o presente. Um dos fatores importantes para tais transformações é a promulgação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96 que sofreu, decorrente das transformações históricas, ideológicas e sociais, duas modificações: a Lei 10.639 de 2003 e a Lei 11.645 de 2008, ambas contemplando a inserção das culturas africanas e indígenas no currículo brasileiro. Conforme se lê a seguir:

Parágrafo segundo: Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras (BRASIL, 2008, s/p).

A literatura e, mais especificamente, a infantil, tem a possibilidade de ser instrumento que já na tenra idade propaga a diversidade cultural, o resgate da identidade da nação brasileira, apresentando personagens afrodescendentes ou indígenas que acionem “[...] os mecanismos do protagonismo e da metáfora/adjetivação, assim como as técnicas do destaque e da adição de significados, que exaltem os corpos negros e indígenas” (FREITAS, 2014, p. 180).

Seguindo a ideia de buscar a identidade das crianças brasileiras e de procurar novas formas de representação dessa população, em grande parte indígena e afrodescendente, as leis citadas problematizaram e iniciaram um movimento, ainda incipiente em alguns locais, de produção e divulgação de livros e outras produções culturais africanas e indígenas para as escolas de Ensino Fundamental e Médio. No entanto, há alguns problemas surgidos do trabalho com a riqueza cultural e a história afro-brasileira e indígena nas escolas e preconizam ser suscitados, entre eles: as religiões, cerimônias, formas de tratar o corpo e, principalmente, no caso da população indígena, problemas políticos envolvendo comunidades e ocupação das terras indígenas.

Foi nessa perspectiva que nosso trabalho surgiu, com o intuito de (re) conhecer materiais de leitura sobre a vertente africana e utilizarmos essa oportunidade para propagá-los na realidade escolar. Para tanto, produzimos uma sequência básica de leitura ancorada na proposta de Cosson (2014) com o mito “*Oiá* e o búfalo interior” de Kiusam de Oliveira, presente no livro “*Omo-Oba: Histórias de Princesas*” (2009), ilustrado por Josias Marinho. Vale ressaltar que a obra está composta por seis mitos que retratam figuras femininas

protagonistas: *Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê Xalugá e Oduduá* representando construções africanas das comunidades de tradição *Ketu*<sup>4</sup>.

Sendo assim, escolhemos uma das narrativas no intuito do (re) conhecimento sobre a diversidade religiosa, possibilitando desmistificar estereótipos preconcebidos. Por sua vez, o ilustrador Josias Marinho possibilita reler as produções ilustradas desse livro sintonizando-as à compreensão do texto.

Concebemos que o letramento envolve o processo muito mais amplo de alfabetização. Dessa forma, pode-se ser alfabetizado e não ser letrado ou ser letrado e não estar alfabetizado. Todavia, consideramos que, para o indivíduo que domina o código escrito, o letramento será melhor desenvolvido e ampliado, pois conseguirá interagir em diferentes práticas de linguagem. Como expressa Soares (2004, p.14),

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

Concernente ao letramento literário, acreditamos que a leitura em sala de aula abrange a perspectiva além dos fundamentos preconizados por uma simples atividade de fruição. Diante disso, usufruímos dos dizeres de Cosson (2014, p. 30), quando diz que

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

De acordo com o exposto, acreditamos que o letramento ocorra quando as partes lidas de um texto passam a ser ressignificadas, discutidas e esgotadas em diversas formas possíveis de sentido, oportunizando que o letramento literário ocorra.

Dessa forma, esta produção encaminhará o leitor para elementos pontuados que consideramos importantes do mito e que foram suscitados mediante as etapas de leitura sugeridas por Micheletti (2002), Cosson (2014) e redimensionadas por Corsi (2015). Partimos, dessa maneira, das etapas de leitura e pelos elementos identificados produzimos a proposta didática denominada como Sequência Básica de leitura que propõe encaminhar ao letramento literário.

## **ETAPAS DE LEITURA**

Enquanto processo metodológico de aplicação em atividade com leitura, partimos da concepção que primeiro, ao ler o texto, é necessário auferir todas as possibilidades possíveis que possam levar à compreensão e interpretação textual. Dessa forma, são necessárias etapas

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/omo-oba-historias-de-princesas-de-kiusam-de-oliveira/>. Acesso em: 23 mai. 2016.

nesse processo de leitura que viabilizem essa atividade para que se torne significativa. Como diz Cosson (2014, p. 29), “longe de destruir a magia das obras, a análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade”.

Primeiramente, é necessário resgatar que para Micheletti (2002) as etapas de leitura são compostas por: Decodificação, Análise e Interpretação. Cosson (2014) apresentou uma pequena modificação elencando os seguintes itens: Antecipação, Decodificação e Interpretação, retirando o item “análise”. Corsi (2015) juntou as etapas desses autores que ficaram assim distribuídas: Antecipação, Decodificação, Análise e Interpretação. Consideramos que seguindo os elementos organizados pela autora, o procedimento para uma proposta de leitura literária ficou mais completa, pois compreendeu o momento anterior à leitura do texto, durante a leitura e viabiliza ainda extrapolar essa atividade.

Começamos pela *antecipação* na leitura que compreende o momento em que o leitor faz o primeiro contato com a obra, considerando componentes que sejam externos ao texto. Conforme Corsi (2015, p. 34) expõe, trata-se de

[...] um momento de aproximação do leitor com o livro e sua materialidade física, pressupõe o conhecimento e o reconhecimento de elementos componentes da obra a ser lida como a capa, o título, o número de páginas ou mesmo o formato do livro.

O livro “OMO-OBA: Histórias de Princesas” está composto por seis mitos, todos, pelo título, direcionam o leitor à figura feminina negra. Possui no total 48 páginas. Para essa produção, nos delimitamos ao primeiro mito da obra, cujo título é “*Oiá* e o búfalo interior”, constituído por sete páginas.

É possível destacar que se trata de um texto curto e bem ilustrado. Já na capa há uma significativa representatividade de mulheres negras, bem adornadas e alegres. Na contracapa há informações sucintas sobre a autora do livro e o ilustrador.

Sem ler o texto e observando a capa, a impressão que se tem é que a leitura possibilitará (re) conhecer o registro histórico cultural do povo negro. Considerando esta perspectiva, pretende-se com esta escolha levar o leitor a conhecer a cultura africana, e assim, quebrantar o preconceito destinado à religião, bem como, desmistificar estereótipos arraigados que endemoniam os perfis africanos.

A etapa da decodificação compreende o contato que o leitor terá com o texto sugerido. Ao lê-lo, certos elementos da estrutura composicional e estilo serão elencados para que a leitura se efetive da melhor maneira. Segundo Cosson (2014, p. 40), “entramos no texto através das letras e das palavras. Quanto maior é a nossa familiaridade e o domínio delas, mais fácil é a decifração”.

O texto a ser lido, “*Oiá* e o búfalo interior”, representa um gênero textual híbrido, em que o mito apresentado tem características de conto, correlacionado ao conto de fada. De acordo com Almeida (1988, p. 60), “Os mitos, em geral, referem-se a grandes feitos heroicos, que com frequência são considerados como o fundamento e o começo da história de uma comunidade ou do gênero humano em geral”. A linguagem é coloquial com alguns termos específicos da cultura africana como *adê*, *erukerê*, *adaga*, *eparrê*, além dos nomes próprios *Oiá* e *Ogum*.

Com relação à estrutura composicional da narrativa, destacamos os seguintes elementos: o texto está narrado em terceira pessoa, “A beleza era muito conhecida e ela era disputada por vários príncipes e pessoas comuns” (p. 09). Apesar da predominância do discurso indireto,

apresenta o discurso direto para descrever as ações das personagens: “[...] *Ogum* disse: - Já sei, princesa *Oiá*, você vai brincar com o vento” (p. 12).

As personagens principais são *Oiá* e *Ogum* que partilham de brincadeiras (luta) na floresta com suas ferramentas preferidas. “*Ogum* era o grande amigo de *Oiá* e quando eles se encontravam, tudo virava uma grande brincadeira e aproveitavam para lutar, cada um com sua ferramenta preferida: *Oiá* com a sua adaga e *Ogum* com a sua espada” (p. 12).

No enredo, além das descrições das ações, há várias descrições físicas e psicológicas acerca da personagem principal *Oiá*: “Desde criança, *Oiá* tinha como atributos a beleza, a graça, a rapidez, a determinação e a genialidade”. A beleza e a força são atributos predominantes nesta descrição: “Era de fato uma menina guerreira”. Assim como a nobreza da protagonista: “*Oiá* era uma linda princesa menina, muito conhecida pela sua determinação”. Outros atributos tonificam a força, a perseverança e a beleza: “Suas cores preferidas eram: rosa, branco e vermelho”. As características positivas de *Oiá* se confirmam, ainda, através da descrição das ações de *Ogum* e de sua visão acerca desta: “E *Ogum* ficou ali, paradinho a admirar a graça e a beleza de *Oiá* rodopiando com o vento como só ela sabia fazer, e pensava; ‘Como a princesinha é linda!’ [...]” (p. 13).

Outra característica física importante a ser ressaltada é o fato de *Oiá* transformar-se em búfalo: “A pele de búfalo foi se soltando do corpo e por baixo dela estava... - *Oiá* - gritou *Ogum* [...]” (p. 15).

A indeterminação do tempo da história se caracteriza com expressões como: “*um dia*”, para relatar um encontro com brincadeiras entre *Oiá* e *Ogum*. Porém, torna-se determinado quando relata sobre *Ogum* tentando descobrir o segredo de *Oiá* “neste dia”. O espaço físico predominante é a floresta: “Um dia, *Oiá* foi a uma clareira na floresta e retirou sua coroa.” (p. 12).

O conflito ocorre quando *Oiá* para de brincar com *Ogum* no momento em que a brincadeira estava mais interessante. “No melhor da brincadeira, *Oiá* disse: - Preciso parar, tenho algo importante para fazer que é de minha natureza, não posso deixar de cumprir com esta tarefa” (p. 13).

O Clímax acontece logo após o conflito, quando *Oiá* sai no melhor da brincadeira e *Ogum* resolve observá-la e descobre que ela é o búfalo: “Neste dia, *Ogum* resolveu segui-la. No meio da floresta, pé ante pé, tentando não fazer barulho, *Ogum* viu sua amiguinha parar, olhar para os lados e ir atrás de uma árvore, quando...” (p. 13). Poder e a capacidade de transformação que ele não conhecia, e nem o leitor.

O desfecho da narrativa ocorre com a personagem principal *Oiá* explicando a *Ogum* seu segredo de metamorfosear-se em Búfalo. Salienta a relação entre o animal e a força que toda menina, mocinha e mulher possuem dentro de si, tendo que se submeterem no secreto pela incompreensão social, muitas vezes, consolidada pelo preconceito de gênero que subordina a figura feminina.

Toda menina, toda mocinha e toda mulher tem dentro de si a força e o poder de um animal selvagem sagrado que, em certos momentos, devem ser colocados para fora, devem explodir para o universo com a mensagem de que fazemos parte de tudo isto. Quando colocamos essa força para fora, muitos meninos e meninas, mocinhos e mocinhas, homens e mulheres não compreendem e, por isso, devemos mantê-la em segredo (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

Na contracapa há informações sobre a autora Kiusam Regina de Oliveira<sup>5</sup> como sua origem, formação e ideias que a motivaram a ser escritora. Também são apresentadas essas mesmas informações sobre o ilustrador do livro Josias Marinho<sup>6</sup>.

As ilustrações do texto são muito pertinentes e contribuem para a beleza e o entendimento do enredo com desenhos da bandeira da Nigéria, das personagens principais: *Oiá* e *Ogum*, do búfalo e da natureza. Em todos os momentos há muito riso, animação e movimento.

Após ter passado pelo processo de *decodificação*, o momento da análise compreende mostrar a reflexão desencadeada pelos elementos identificados na etapa anterior. Segundo Corsi (2015, p. 34),

Esta etapa se dá quando o leitor faz as primeiras compreensões da materialidade do enunciado narrativo, compondo sentidos para o que se encontra no interior da obra, traçando um caminho para chegar à interpretação. Assim, quando o leitor ultrapassar o sentido intrínseco do enunciado pode desvendar suas potencialidades interpretativas, fazendo inferências relacionadas aos conhecimentos de mundo que possui e reconstruindo ou ampliando o sentido da narrativa.

Dessa forma, no processo de análise na leitura, vale reiterar que se trata de um gênero híbrido que mescla um mito religioso africano e um conto de fada. É possível observar, após a leitura do texto, que o gênero mito está relacionado a uma narrativa criada para uma possível explicação destinada a uma figura feminina, princesa africana e de sua representação religiosa como *Orixá*. Também podemos caracterizá-lo com o gênero conto de fada quando articula a protagonista como uma princesa. Porém, a narrativa contrapõe-se ao conto de fadas tradicional por algumas razões, entre elas podemos destacar que apresenta uma protagonista menina negra, que tem poderes com propriedade em utilizá-los, além do fato de não necessitar ser salva por um príncipe.

A linguagem coloquial e o tempo indeterminado corroboram com o gênero mito que, pela simplicidade na linguagem, contribui para sua disseminação entre os povos. Segundo Rocha (2012, p. 07), “o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”.

Os termos africanos presentes na narrativa fortalecem, popularizam e desmitificam estereótipos. Algumas palavras como *adê* e *erukerê* são explicadas no próprio enredo: coroa de palha e cetro de princesa. Outras são mencionadas como instrumentos preferidos de luta: *adaga (Oiá)* e espada (*Ogum*). Vale destacar que para Cacciatore (1988, p. 149), “são objetos, mais comumente em metal, usados pelos *Orixás* como símbolo de sua personalidade, estando ligados ao caráter da divindade”. Há também, a palavra “*Eparrê*”, dita por *Ogum* no final do texto. Como o próprio personagem diz é uma saudação, no caso, de despedida, segundo o dicionário de Cultos Afro-Brasileiros (1988, p. 113), também pode estar escrito com “*epa hei*” ou “*eparrei*”.

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Kiusam. **Biografia** \_ Kiusam de Oliveira. Disponível em: <<http://www.kiusam.com.br/biografia/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

<sup>6</sup> MARINHO, Josias. **Josias Marinho**. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/161/dbjosiasmarinho.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

As personagens principais “*Oiá e Ogum*” também representam termos africanos, sendo que *Ogum* ou *Ogun* é um

*Orixá* nacional iorubá, filho de Iemanjá e Oranhiã, ou, em certos mitos, de Odudua (masc.). Na África é o deus do ferro, da agricultura, da guerra, da caça, protetor de todos que trabalham em artes manuais e com instrumento de ferro. No Brasil é dos *Orixás* mais cultuados [...]. Na umbanda, domina também as demandas (batalhas judiciais). Seu símbolo é uma espada de metal prateado [...] (CACCIATORE, 1988, p. 188).

*Oiá* ou *Oyá* é a “*Orixá* do rio Níger, na África Ocidental, esposa de Xangô, cujo nome no Brasil é *Iansã*” (CACCIATORE, 1988, p. 104). As descrições destinadas à *Oiá* revelam uma princesa e também uma figura feminina bem expressiva, não é submissa e nem subordinada, tem definido o que deseja, pois *Iansã* representa a força da tempestade e a força da natureza. Tais características são relevantes, pois enfatizam um *Orixá* com especificidades próprias. Observa-se, pelas características das duas personagens, o fato de serem guerreiras poderosas e protetoras, a razão pela qual foram sincretizadas com Santa Bárbara e São Jorge.

Ainda sobre *Oiá*, o texto apresenta suas cores preferidas: rosa, branco e vermelho. Na cultura africana e mitologia *yourubá*, as cores apreciadas por *Oyá* representam a concordância com sua própria personalidade

O nome *Iansã* trata-se de um título que *Oyá* recebeu de Xangô que faz referência ao entardecer, *Iansã* = A mãe do céu rosado ou A mãe do entardecer. Era como Xangô a chamava, pois dizia que ela era radiante como o entardecer, e é por isso que o rosa é sua cor por excelência. Os africanos costumam saudá-la antes das tempestades pedindo a ela que apazigue Xangô o Deus das Tempestades pedindo a ele clemência (SANTOS, 2011, s/p).

Associando os símbolos que essas cores representam à personagem *Oiá* é possível ressaltar e confirmar o quanto ela é importante como *Orixá* e como presença marcante de empoderamento feminino africano.

Outra característica física de *Oiá* é sua transformação em búfalo. O animal búfalo é mencionado logo no início da história, sendo distinguido como o preferido por *Oiá*. “Dentre eles, o búfalo era o que ela mais gostava” (p. 09). Pesquisando sobre o que os animais simbolizam foi possível revelar que o búfalo, por ser um animal mamífero, é representado “por seu sangue quente, corresponde ao fogo” (CIRLOT, 1984, p. 80), e de acordo com o texto do site da infoescola,

O búfalo africano é um mamífero, herbívoro que pertence à família bovidae. É um animal de grande porte que chega a medir até 3 m de comprimento e 1,7 m de altura [...]. Diferente de outras espécies de búfalos, os búfalos africanos têm a pelagem negra [...] o búfalo africano jamais foi domesticado (PACIEVITCH, 2016, s/p).

Como *Oiá* é uma princesa africana determinada, o búfalo é o animal que melhor se encaixa nessa característica, pois pertence a uma espécie que não fora domesticada, representando autocontrole, poder e resistência. Lurker (2003, p. 31) expressa que “nos contos de fadas e na crença popular encontram-se ecos de ideias mágicas sobre os animais e de um sentido de vida simbiótico entre ser humano e animais (animais prestativos, transformações em

animais)”. Isso também pode ser visto nos contos de fada de origem europeia, com a transformação das personagens em sapos, cisnes, pombas, ursos, entre outros, ou vice-versa.

*Oiá* é uma personagem negra e de grande destaque no enredo, articulando-a com a lei 11.645 de 2008, é possível destacar a importância dela enquanto figura negra feminina, princesa, e também, enquanto figura sagrada das religiões afro-brasileiras. Segundo Freitas (2014, p. 203),

[...] pode-se dizer que o mecanismo do protagonismo, ao posicionar o corpo negro e o corpo indígena como personagens principais das narrativas, dá destaque a raças/etnias anteriormente inferiorizadas, produz outros saberes sobre elas, tornando-as desejáveis. O/a negro/a e o/a índio/a aparecem estampados nas capas, protagonizam as cenas ilustradas, estão reiteradamente presentes nas imagens fora e dentro dos livros.

No espaço físico da floresta, podemos destacar a unificação entre a personagem principal *Oiá* com a natureza. O conflito e o desfecho dessa narrativa caracterizam o gênero mito apontando o sobrenatural, trazendo uma explicação possível à transformação. Nesse caso, o mito de *Oiá* como a senhora dos ventos e das tempestades, do calor do raio e do sangue do búfalo, é uma explicação tanto para a transformação em búfalo quanto seu ato de brincar com o vento e com as outras forças da natureza.

Quanto à contracapa com informações sobre a autora, é possível articular com a própria história e fomentar que os escritos foram desenvolvidos por uma pessoa que também tem uma visão expansiva, de busca de equidade, uma guerreira, assim como a própria personagem central do texto.

O ilustrador Josias Marinho por suas produções em *“Oiá e o búfalo interior”*, integraliza o texto não verbal com o verbal, influenciando na compreensão de maneira muito expressiva. Dessa forma, é importante analisar também as ilustrações da obra, pois estão visivelmente imbricadas com o conteúdo textual. Como expressa Nunes (2015, p. 63), “o trabalho do ilustrador é visto como uma forma de interpretação ativa e diálogo com o texto literário: o ilustrador é um coautor, à medida que interpreta e, com isso, prolonga o texto dentro do campo visual”.

Considerando as palavras de Freitas (2014, p. 197),

Por meio de sorrisos, olhares e expressões faciais, partes dos corpos se mostram nas capas, sugerindo aventuras, aguçando a curiosidade e incitando o/a leitor/a a abrir as páginas e descobrir um pouco mais daquilo que só é anunciado.

Podemos inferir que os risos, as animações, os movimentos e a floresta encontram-se imbricados às ilustrações produzidas por Josias contribuindo, assim, na tessitura do texto e no construto das personagens *Oiá* e *Ogum* tornando-os, dessa forma, felizes, ativos e bem articulados com a natureza e com a própria ação.

Na etapa da interpretação da leitura, o que fora elencado durante os processos anteriores será levantado para associá-lo com a realidade do leitor. Segundo Cosson (2014, p. 41), “interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido”.

Logo no início do enredo há uma descrição da importância da beleza: “a beleza era muito conhecida e ela era disputada por vários príncipes e pessoas comuns” (p. 09). É

importante refletir sobre o padrão de beleza, se é um movimento constante ou rígido, e quais atributos nos dias atuais são mais valorizados como perfis imponentes da perfeição.

A personagem central *Oiá* é descrita por várias características, porém é muito importante ressaltar uma delas: “[...] uma menina guerreira” (p. 09). Esse adjetivo é destoante dos enredos de contos de fadas em que as personagens são brancas. São inúmeros os exemplos dos contos mais populares em que as princesas esperam a solução do problema através de fadas madrinhas, encantos, magias, do sobrenatural. Ou seja, não há menção de caracterizar personagens princesas dos contos de fada tradicionais como atuantes, ativas de sua própria escolha.

*Oiá* escolhe e prefere metamorfosear-se em búfalo. A representação de um animal potencializado pela força, pela estrutura física, pela cor. Nos contos tradicionais também ocorrem metamorfoses, todavia acontecem na mudança, por exemplo, para um cisne branco e, dessa maneira, acarretando o peso da representatividade que a cor branca, histórica e ideologicamente, fora imposta culturalmente. Através da transformação em búfalo também é possível associar à figura feminina que não é submissa e nem subserviente, outro indicativo de contraste com os contos de fadas populares do nosso meio. Vale ressaltar que o hibridismo no gênero consuma-se nesse momento em que o mito religioso africano associa-se a um conto de princesa.

## SEQUÊNCIA BÁSICA

Mediante as etapas de leitura e os elementos que foram pontuados sobre o mito, apresentaremos, nesse momento, uma proposta de atividade didático-pedagógica em leitura, encaminhando ao letramento literário.

Ressaltamos que este trabalho foi produzido no intuito de abordar, através da Sequência Básica proposta por Cosson (2014), um dos mitos do livro “OMO-OBA: Uma História de Princesas”, e assim, trabalhar a atividade de leitura levando ao Letramento Literário em sala de aula de Ensino Fundamental II. De acordo com o estudioso, essa Sequência Básica está dividida em: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação (Interna e Externa).

A motivação é o momento de instigar a vontade de ler a obra sugerida. Faz-se necessário criar meios que despertem a ação de leitura, usando mecanismos possíveis no próprio texto ou relacionados a este que contribuam ao incentivo dessa ação. Para Cosson (2014, p. 54),

Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

O livro escolhido “OMO-OBA: Histórias de princesas” de Kiusam de Oliveira (2009, p.7), afirma, já na apresentação, que “As histórias deste livro mostram como princesas se tornaram, mais tarde, rainhas”. Escolhemos este mito por se enquadrar na possibilidade de lidarmos com a realidade próxima às crianças não brancas que, através de atitudes assessoradas por estereótipos europeus, consolidam o *bullying*; a baixa autoestima, principalmente, quando recursos didáticos vinculados à escola, a literatura, por exemplo, fortificam este pensamento.

Sobre o tema princesas, começaremos a motivação da leitura através dos seguintes questionamentos: a) Você já ouviu alguma história em que a personagem central é uma princesa? Comente sobre ela! b) Na história de princesa que você conhece, descreva

fisicamente como é essa princesa. (Pretende-se aqui que os leitores notem a cor branca, a mansidão, a beleza padrão específica das histórias de princesas tradicionais); c) Quais atributos na descrição psicológica podem ser suscitados na história de princesa que você conhece? (A necessidade da ajuda de uma fada madrinha ou outro recurso que transforme sua realidade ou sua dependência, pois a princesa tradicional não se encontra completa sendo sozinha: precisa de um companheiro que a salve dos perigos. Além de ser caracterizada como muito delicada, subserviente, entre outros atributos semelhante).

A sequência da motivação trata também da ilustração: “Algumas capas se destacam por apresentar os corpos em situações de glamour e rituais, vestidos com roupas e adereços próprios a sua posição no grupo social a que pertencem [...]” (FREITAS, 2014, p. 198). Partindo desse pressuposto, colocar para a turma as imagens da capa dos DVDs de Princesas tradicionais adaptadas para o cinema e outras mídias e a do livro *OMO-OBA*. As questões, na oralidade, deverão suscitar as diferenças e igualdades entre as ilustrações. Estas capas podem ser encontradas facilmente na internet. Sua escolha deve considerar o objetivo das questões a seguir: a) Elenque as diferenças e semelhanças nas ilustrações! b) Você sabia que há princesas negras? c) Quais seriam as possíveis aventuras que uma princesa negra viveria?

Também há um vídeo de motivação à leitura do livro na página do *Youtube*<sup>7</sup>, que pode servir como elemento motivador uma vez que apresenta aspectos relevantes da imagem das princesas presentes na obra.

A introdução é o momento em que os alunos terão contato com a obra. O livro eleito está composto por 6 mitos que, segundo a autora, “essas histórias vêm de fontes tradicionais conhecidas, contadas e recontadas pelo povo africano (iorubano) e afro-brasileiro [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 07). Dessa forma, partiremos da justificativa de escolha desse livro, ressaltando aos alunos que muitas pessoas desconhecem a existência de enredos em que as personagens principais são princesas negras. Reiteramos também o interesse por saber quais tipos de aventuras as princesas negras poderiam passar. Para tanto, a professora centrou a leitura no primeiro mito apresentado no livro.

O segundo momento seria formado pela leitura da contracapa sobre a autora Kiusam Regina de Oliveira (2009, s/p), objetivamente, atendo-se, precisamente, aos finais dos dizeres: “[...] provocar as suturas psíquicas necessárias para que as crianças, de todos os tempos, sejam capazes de encontrar o caminho pleno da vida, apesar de todas as diferenças”.

Após esses dois momentos, entregar o primeiro mito “*Oiá e o búfalo interior*”, para que os alunos leiam individualmente, seguido da leitura oral proferida pela professora. Segundo Cosson (2014, p. 61), “é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno perceba a obra de uma maneira positiva”.

Após tomarem contato com a leitura do texto, sendo esse curto e de leitura rápida, os alunos serão instigados a participar de uma conversa. Para Cosson (2014, p. 62), esse é o momento de “acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo [o aluno] em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura”. Sendo assim, partimos para os seguintes questionamentos: 1) Quem é a protagonista dessa história? Como é descrita fisicamente e psicologicamente? 2) O mito procura explicar algo de forma sobrenatural através do gênero discursivo conto. Assinale as alternativas que nos levem a classificar o texto como mito: ( ) a personagem principal é negra; ( ) o enredo apresenta uma transformação de ser humano para animal; ( ) o desfecho da narrativa evoca uma explicação criada para justificar a transformação em animal pela personagem principal, associando-a a um construto cultural africano; ( ) o

<sup>7</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Lh9sENdbh\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=Lh9sENdbh_s)>. Acesso em: 28 mai. 2016.

espaço físico determinado – natureza – determina o gênero; 3) Logo na página inicial (p. 09) do texto, há muitos atributos ressaltados à princesa *Oiá*. Quais são eles? 4) O que *Ogum* e *Oiá* gostavam de fazer? (p. 12); 5) Quais palavras podem ser retiradas do texto que pertencem à cultura africana? Pesquise o que elas significam. 6) Nesse texto há metamorfose. “Preciso parar, tenho algo importante para fazer que é de minha natureza, não posso deixar de cumprir com esta tarefa” (OLIVEIRA, 2009, p. 13). Em que *Oiá* se transforma? 7) A narração está em primeira ou terceira pessoa? O que esse fator influencia na caracterização do mito? 8) No texto, a marcação de tempo pode ser caracterizada como determinada (temporalidade marcada) e indeterminada (temporalidade indefinida). Nas frases selecionadas retiradas do texto, identifique-as com (D) para determinada ou (I) para indeterminada e justifique a diferença: a) ( ) “Um dia, *Oiá* foi a uma clareira na floresta e retirou sua coroa”; b) ( ) “Neste dia, *Ogum* resolveu segui-la”; 09) Qual é o conflito do texto lido? 10) Identifique nas frases selecionadas do texto aquela que representa o clímax: a) ( ) “A beleza era muito conhecida e ela era disputada por vários príncipes”; b) ( ) “*Oiá* era uma linda princesa menina”; c) ( ) “*Ogum* era o grande amigo de *Oiá*”; d) ( ) “Neste dia, *Ogum* resolveu segui-la”; e) ( ) “- Preciso parar, tenho algo importante para fazer”; 11) Na finalização do texto, *Oiá* transmite um ensinamento ao povo. Que ensinamento é esse? 12) Na página 9, quando o texto inicia, há uma bandeira de uma nação específica que está ilustrada. Que país está representado? 13) Na ilustração, páginas 10 e 11, que personagens são retratadas? Descreva *Oiá* associando-a à descrição da página 11. 14) Pela ilustração na página 12, segundo a leitura da mesma página, o que *Oiá* está fazendo? 15) Na página 14, a que se refere a ilustração? Segundo a leitura da página 15, o que esse segredo revela?

Após o trabalho com as questões descritas acima, devemos passar à interpretação, momento em que o leitor poderá fazer inferências acerca de sua leitura pessoal e ampliar o sentido do texto.

Cosson (2014, p. 64) considera a interpretação “parte do entretencimento dos enunciados que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. Para tanto, o autor propõe que, para se chegar ao letramento literário, devemos dividir a interpretação em dois momentos: interior e exterior.

O primeiro compreende “o encontro do leitor com a obra” (COSSON, 2014, p. 65). Nesse momento, a voz do leitor ressalta diante do assunto lido. Serão as suas impressões que serão incitadas a surgirem. Nesta etapa, propomos as questões a seguir: a) “A beleza era muito conhecida e ela era disputada por vários príncipes e pessoas comuns”. (OLIVEIRA, 2009, p. 09) Por que a beleza é um atrativo tão almejado entre os seres humanos? b) Qual é o padrão de beleza instituído pela mídia? c) Esse padrão atrapalha ou beneficia na formação da autoestima de uma pessoa? d) “Era de fato uma menina *guerreira*” (OLIVEIRA, 2014, p. 09). Na atualidade, o que esse adjetivo representa para a figura feminina? e) Por que será que *Oiá*, dentre todos os animais que poderia ser, preferiu metamorfosear-se em búfalo? O que representa esse búfalo interior? f) As mulheres, de hoje em dia, reconhecem a força que tem? Por quê? g) O gênero feminino, na atualidade, ainda continua sendo massacrado pela ideologia patriarcal dominante. Porém, segundo o texto lido, *Oiá* diz que “Toda menina, toda mocinha e toda mulher tem dentro de si a força e o poder de um animal selvagem sagrado que, em certos momentos, devem ser colocados para fora, devem explodir para o universo com a mensagem de que fazemos parte de tudo isto” (OLIVEIRA, 2009, p. 15) O que isso nos ensina? j) É muito comum nos enredos dos contos de fadas as princesas renderem-se à inocência, à pureza, à submissão e à religiosidade como virtudes básicas às mulheres. O que *Oiá* traz de diferente à figura feminina comparada a esses atributos?

Consideramos que a interpretação exterior se concretiza com a externalização e o registro dos resultados por meio das ações oportunizadas, socializadas e reconstruídas como sentidos possíveis do texto. Sendo assim, as atividades aqui idealizadas procuram integrar os temas exauridos pelo texto e integrá-los à comunidade. Conforme Cosson (2014, p. 68), “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar”. Algumas atividades são interdisciplinares e necessita da contribuição de profissionais de outras áreas como História, Geografia, Educação Física e Arte. Nosso principal foco, nesse momento, por meio das atividades que serão expostas ao público, é contribuir para diminuir a ideia de que as religiões que não possuem o cristianismo como base de fé sejam demoníacas, feias, entre outros atributos negativos construídos e consolidados culturalmente. Para tanto, propomos a seguintes atividades: a) O vídeo ‘Produção de bonecas *Abayomi* “algo precioso” conforme link do *Youtube*<sup>8</sup> trata-se da produção de uma boneca de pano com cola e sem costura. Pretende-se, nesse momento, que os alunos, assistindo ao vídeo, também conheçam além da produção artística um pouco da história africana. b) Produção de fantoches de meia, conforme link do site do *Youtube*<sup>9</sup>, os alunos confeccionarão os fantoches de meias das personagens *Oiá*, *Ogum* e o búfalo que serão usados posteriormente no teatro contando a história de “*Oiá* e o búfalo interior”.

Também poderão ser confeccionados bonecos que cantem canções pesquisadas de *Iansã* (*Oiá*). c) Produção dos acessórios de *Oiá* (*Adê* coroa de palha, *Erukerê* cetro de princesa). Esta atividade dependerá da criatividade dos alunos e professores, e necessita da ajuda dos profissionais da disciplina de Arte. d) Produção de adereços de *Oiá*. Confeção que necessitará do apoio do professor de Arte. e) Mural da autoestima. Momento em que alunos se vestem como príncipes e princesas e desfilam na escola, expondo suas produções de adereços e roupas. f) Coreografia de canções de *Iansã*. As canções destinadas a *Iansã* são folclóricas e podem ser coreografadas e ensaiadas para apresentar numa noite cultural promovida pela escola. g) Painel “Meninas guerreiras”. Produção com fotos de mulheres negras que fizeram a mudança na história do mundo. Esta pesquisa poderá ser realizada pelos próprios alunos com o auxílio das professoras de literatura e história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi criado para apresentar uma produção didático-pedagógica de leitura para o letramento literário no Ensino Fundamental II. Para tanto, consideramos as modificações das etapas de leitura propostas por Corsi (2015) contemplando: Antecipação, Decodificação, Análise e Interpretação. Usufruímos da produção afro-literária “*Oiá* e o búfalo interior”, de Kiusam de Oliveira (2009).

No tocante às etapas de leitura, apresentamos elementos que consideramos importantes do mito. Salientamos que com as Etapas de Leitura os elementos destacados foram utilizados para a elaboração da Sequência Básica, composta por atividades que buscavam proporcionar a compreensão e interpretação textual. No mito escolhido, por meio das Etapas de Leitura, focalizamos as impressões destinadas à pré-leitura (Antecipação), anterior ao contato com a leitura do texto. Para tanto, destacamos elementos relacionados à capa do livro, informações sobre a autora e o ilustrador da obra.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w2b6NSGw5vM>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IQgHubzzIAc>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

Referente à leitura pelo contato direto com o enredo, destacamos as informações do gênero textual híbrido, da estrutura narrativa, dos elementos da materialidade linguística e dos elementos não verbais. Concernente à interpretação, concentramos nas informações de destaque do enredo que estão relacionadas à vivência pessoal e social do leitor.

Sobre a Sequência Básica proposta por Cosson (2014), destacamos os itens: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação (Interna e Externa). Após apresentarmos as considerações das Etapas de Leitura, articulamos a criação de uma proposta didático-pedagógica que encaminha ao letramento literário. Foi possível, após a realização destes itens, compreender que as Etapas de Leitura e a Sequência Básica estão interligadas e promovem o melhor desempenho e sentido da proposta de leitura. O professor, dessa maneira, terá mais subsídios para a mediação do enunciado literário e para a promoção do letramento literário em sala de aula.

Vale ressaltar que não é uma construção didático-pedagógica enrijecida e que não possa ser transformada de acordo com a realidade escolar de aplicação. Muito menos é um parâmetro metodológico procedimental único e sem equívocos. Reiteramos que essa empiria baseou-se em encaminhamentos que procuraram a instrumentalização didática, porém não a qualifica como padrão de atividade. Dessa forma, estudos aprimorados e contínuos são relevantes.

Com esta produção consideramos que o cumprimento da lei que coloca a cultura afro-brasileira e indígena como elemento curricular a ser trabalhado na escola, também contribui para a busca de identidades, de raízes e, principalmente, para construção da autoestima, da compreensão e convivência com a diferença e diversidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Piedade Eça de. Mito: Metáfora viva? In: **As razões do mito**. Campinas, São Paulo, Papirus, 1988.

BARBOSA, Analedy Amorim; MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. **A concepção da infância na visão de Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância**. v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://revista.ufrr.br/index.php/examapaku/article/viewFile/1456/1050>>. Acesso em: 01 jul. 2016, p. 01-07.

BERNARTT, Roseane Mendes. **A infância a partir de um olhar sócio-histórico**. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601\\_1685.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601_1685.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Publicada no Diário Oficial da União em 11 de março de 2008.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: com a indicação de origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 3ª edição, 1988.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Editora Moraes, 1984.

COELHO, N. N.. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron, 1987.

MORATTO, R. C.; CORSI, M. S.; FELDMAN, A. K. T. Oiá e o búfalo interior de Kiusam de Oliveira: promovendo a leitura e letramento literário. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar - RECEI**. Mossoró, v.3, n.9, 2017.

CORSI, Margarida da Silveira. **A narrativa literária francesa como suporte para o letramento do leitor - aprendiz de FLE.** Maringá, Eduem, 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2014.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira de PBH: um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais?** Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2014.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MICHELETTI, Guaraciaba (coord.). **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção.** 3. edição. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção aprender e ensinar com texto, v.4).

NUNES, Fabricio Vaz. **Texto e imagem: a ilustração literária de Poty Lazzaroto.** Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-oba: histórias de princesas.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

PACIEVITCH, Thaís. **Búfalo.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/mamiferos/bufalo/>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, Aline. **A deusa interior.** Disponível em: <http://adeusainterior.blogspot.com.br/2011/03/deusa-oia.html>. Acesso em: 01 jul. 2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: Autores Associados, v. 25, 2004, p. 05-17.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Caminhos da literatura infantil e juvenil no Brasil. In: **Literatura infantojuvenil.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2013.

**Submetido em:** 05 de fevereiro de 2017.

**Aprovado em:** 22 de agosto de 2017.